

## HISTÓRIAS LEITORAS QUILOMBOLAS: QUANDO A IMAGINAÇÃO TRANSVÊ

ILMARA VALOIS BACELAR FIGUEIREDO COUTINHO (UFBA/UNEB).

### Resumo

O trabalho versa sobre histórias leitoras quilombolas lembradas e compartilhadas, durante uma pesquisa de Mestrado, pelos moradores de Coqueiros, comunidade remanescente de quilombo situada na região de Mirangaba –BA, e tem por objetivo problematizar as intrincadas relações existentes entre leitura, memória e formação de identidades. Trata-se de um estudo de cunho etnográfico, tendo nas entrevistas denominadas trajetórias de vida instrumento privilegiado para a construção dos dados empíricos, que foram analisados a partir dos pressupostos da Análise de Discurso. Os gestos de leituras tecidos durante a pesquisa foram concretizados no sentido de ler o quilombo, em sua historicidade e contemporaneidade; ler a leitura, em seus determinantes teóricos, principalmente no que tange aos aspectos sociais, culturais e políticos constitutivos; e ler a leitura do quilombo de Coqueiros, buscando significar essa ação impreterivelmente ligada às práticas de apoderamento da escrita em uma comunidade onde a prevalência do oral é marcante para os processos de construção dos conhecimentos e das identidades. Os resultados mostram que os Coqueirenses estão lendo e translendo a própria realidade ancestral, a partir do que o olho vê, do que a lembrança revê e do que a imaginação transvê, apontando para a necessidade de uma formação leitora que ultrapasse determinantes grafocêntricos estigmatizantes, preconceitosos e excludentes.

### Palavras-chave:

Leitura, Memória, Identidade.

### INTRODUÇÃO

Ler é transitar por encruzilhadas discursivas construindo sentidos para a vida.

(COUTINHO, 2008b)

Ler constitui-se numa ação complexa, ambígua e problematizadora dos saberes plurais edificados na convivência cotidiana. Por meio dessa ação crítica, buscamos adentrar o terreno movediço das linguagens e desvelar os múltiplos efeitos semânticos dos discursos a que somos submetidos. Também por meio da leitura, o mosaico de nossas representações é formado, ganhando uma existência dialogada a partir das fusões, fissuras, subordinações e insurreições próprias da formação humana.

O ato de ler, enquanto movimento ininterrupto de construção de sentidos, acontece numa confluência de fatores diversificados, afetando holisticamente o leitor em sua constituição cognitiva, sensorial, emocional, cultural, discursiva, econômica, enfim, política. As histórias que se perdem e se encontram no amaranhado das construções mnemônicas dos sujeitos leitores travam um diálogo contínuo com os discursos e práticas cotidianas, moldando uma espécie de *bricolage* de demandas e desejos (re)criadora de novas representações. Nesse sentido, ler/ouvir é vivenciar histórias outras, habitar cenários multiformes, encontrar personagens diferenciados, trilhar caminhos que muitas vezes nos levam ao (re)elaborar de

nossas próprias narrativas, enquanto seres-aprendentes. São, portanto, ações voltadas ao conhecer, quando permitem cruzar informações, problematizar convicções, aceitar ou rejeitar pressupostos, tensionar saberes.

É no bojo de tais pressupostos que o presente artigo está edificado. Nessa perspectiva, tem o intuito de comunicar reflexões realizadas durante o estudo denominado "Histórias de leituras, trajetórias de vida: um olhar reflexivo sobre histórias leitoras quilombolas", desenvolvido em Mestrado recém-concluído pela Faculdade de Educação, da Universidade Federal da Bahia, tendo com o objetivo problematizar as imbricações existentes entre leitura, memória e formação de identidades[1] e como *corpus* discursivo histórias leitoras narradas por remanescentes quilombolas da comunidade de Coqueiros, situada na região de Mirangaba, Bahia.

O caminho metodológico trilhado durante o referido estudo seguiu os pressupostos da pesquisa qualitativa de cunho etnográfico que, segundo Macedo (2006: 6), pressupõe direcionar o interesse do pesquisador "para compreender as ordens socioculturais em organização, [...] em meio a uma *bacia semântica* culturalmente mediada (grifo do autor)". O método, então, foi tomado como caminho dialético e dialógico de posicionamento frente a uma realidade que é dinâmica em essência e, portanto, traz em sua complexidade um conhecimento a ser abordado pelo paradigma da articulação, da contextualização e da negociação das diferenças. Em se tratando de comunidades remanescentes de quilombo, fez-se necessário compreender, inclusive, questões históricas determinantes das realidades construídas e mergulhar, de forma "densa", citando Clifford Geertz (1977), no universo conceitual dos sujeitos-leitores, a fim de concretizar uma interpretação polilógica e multirreferenciada, como pressupõe a abordagem metodológica escolhida.

Nessa perspectiva, os conhecimentos provenientes da história oral (MEIHY; HOLANDA, 2007) foram fortemente mobilizados, de forma que as entrevistas denominadas "trajetórias de vida" (DELGADO, 2006), aliadas às entrevistas semiestruturadas, à observação participante e ao diário de campo, funcionaram como instrumentos privilegiados para a construção dos dados empíricos analisados a partir dos pressupostos teórico-analíticos da análise de discurso (ORLANDI, 2006, 2007). O *corpus* é proveniente das narrativas de oito moradores de Coqueiros, compondo-se das vozes de Dona Cota, Dona Elza, Dona Francisquinha, Aparecida, Socorro, Lucimar, Senhor Antônio e Senhor Francisquinho; autores de dizeres e não-dizeres que possibilitaram concretizar o objetivo já explicitado.

Desde já, faz-se relevante destacar que a leitura realizada na comunidade de Coqueiros compõe-se de uma hibridez instigante para o questionar dos determinantes colonialistas etnocêntricos das sociedades ocidentais, de forma que as discussões acerca das memórias quilombolas não poderiam ficar restritas às representações leitoras construídas à revelia de como a comunidade pensa e lê a própria realidade. Assim, foi em resposta a uma necessidade descortinada durante os percursos empíricos da pesquisa que a leitura foi significada dentro de uma encruzilhada de sentidos e colocada, como ao quilombo, em uma posição de "entrelugar", de "terceiro espaço", em sua possibilidade de trilhar os caminhos polissêmicos da linguagem. (BHABHA, 2007)

As vozes constituintes do referencial teórico mobilizado foram convidadas a dialogar com as vozes dos sujeitos perscrutados em suas subjetividades leitoras, ancorando-se em estudos de linhas teóricas diversificadas, a exemplo dos Estudos culturais (BHABHA, 2007; HALL, 2003, 2006; GLISSANT, 2005; MARTINS, 2006), da Sociologia (BAUMAN, 2005; FERREIRA, 2004), da linguagem (ABREU, 2001;

BAKHTIN, 2004; CHARTIER, 2001; YUNES, 2003; ORLANDI, 2007; SILVA, 2002, SOARES, 2005); entre outros.

## ENTRELAÇANDO OLHARES: "A LEMBRANÇA REVÊ E A IMAGINAÇÃO TRANSVÊ"

Durante a pesquisa, a existência de um movimento complexo em torno do ser quilombola foi percebido na comunidade de Coqueiros, sendo gerador de múltiplos gestos de leituras acerca da realidade étnico-racial vivenciada. O autorreconhecimento, buscado a partir do acolhimento do Art. 68, Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT), configurou um espaço de negociações voltadas para a construção de uma identidade étnico-racial positiva para a comunidade e seus habitantes, alavancando um controverso movimento de renovação cultural.

Nessa perspectiva, entende-se a (re)invenção das tradições como ação identitária extremamente relevante no entretecer dos sentidos disponibilizados pelo contexto e pela experiência dos narradores e narradoras envolvidos(as) no autorreconhecimento, em sua impossibilidade de determinar com exatidão a própria história cultural. Considerando, a partir de Hobsbaum e Ranger (2006: 12), que "a invenção das tradições é essencialmente um processo de formalização e ritualização, caracterizado por referir-se ao passado", fica patente a necessária busca por uma tradição capaz de assegurar a validade das reivindicações feitas pela comunidade de Coqueiros, seja por uma origem identificada no tempo e presente em rituais ancestrais, como resquícios de costumes africanos, ou em práticas culturais cotidianas traduzidas e cujas referências perderam-se na trajetória diaspórica.

Os novos discursos incorporados têm gerado práticas e relações causadores de uma descentração em relação ao lugar social, cultural e político ocupado por moradores e moradoras. Assim, é possível afirmar que o *ser* remanescente de quilombo, na comunidade de Coqueiros, é algo novo que está *sendo* negociado a partir das demandas políticas e culturais contemporâneas. Nesse sentido, dois movimentos são particularmente relevantes para as pessoas de Coqueiros no que tange à construção de uma identidade positiva capaz de se sobrepor aos resquícios da escravidão: (a) o resgate das histórias e tradições silenciadas com o intuito de patrocinar o fortalecimento da memória ancestral coletiva, (re)valorizando a cultura local naquilo que diferencia a comunidade e lhe confere uma identidade étnico-racial própria, logo, um lugar de poder (CASTELLS, 2003); e (b) o reconhecimento público da identidade quilombola por parte das comunidades externas, que passam a se interessar por Coqueiros.

O movimento de valorização das tradições de matriz africana, mesmo estando fundamentado no resgate de valores, histórias e conhecimentos fundamentais ao fortalecimento da memória coletiva ancestral, não pode ser compreendido como a busca de uma identidade essencialista imutável. Isso porque as identidades estão sendo gestadas no "entre-lugar" (BHABHA, 2007) potencializador de novas representações, o que nos permitiu caracterizar o quilombo como "lugar aprendente"[2], que vem formando-se e transformando-se historicamente com os sujeitos que o constituem (COUTINHO, 2009a). Enquanto comunidade imaginada em processo de "tradução cultural" (BHABHA, 2007), Coqueiros fundamenta-se por

um sentimento de pertença gestado na união dos moradores, inclusive na tentativa de criar uma narrativa de origem capaz de sustentar um horizonte referencial legitimizador das reivindicações atuais acerca das políticas públicas pretendidas.

Essa busca por reconhecimento cria um espaço interventor possível na própria invenção da existência e, para além da imobilidade, busca o (re)criar de novas narrativas. As trocas protagonizadas nos territórios geográficos e simbólicos da comunidade propiciam possibilidades de escolhas outras que a sociedade eurocêntrica deixou de privilegiar, de possibilitar. Fica, assim, ratificada a necessidade do homem recriar-se; de estar em constante movimento de (trans)mutação, em sua busca incessante por um lugar no mundo; vir-a-ser que estende-se *ad infinitum*. Como nos lembra Fanon (2008), uma hipótese histórica pode se confirmada, mas também pode representar justamente aquilo que precisa ser reelaborado, superado, revisto, transvisto.

## "É PRECISO TRANSVER O MUNDO": DIÁLOGO COM OS RESULTADOS

Em Coqueiros, a construção dos conhecimentos acontece na confluência de determinantes orais e escritos diretamente relacionados às necessidades de sobrevivência, bem como às limitadas oportunidades de acesso ao conhecimento letrado, fazendo dialogar identificações geradoras (ou não) do sentimento de pertencer. O letramento característico da comunidade ratifica a complexidade das relações culturais em ebulição, visto que grande parte do conhecimento necessário à sobrevivência cultural e econômica da comunidade não se encontra armazenada em suportes escritos, mas inscreve-se na memória discursiva de seus moradores e moradoras, sendo cuidadosamente compartilhado com as novas gerações, como nos diz Dona Francisquinha, ao falar da aprendizagem da profissão de parteira, desenvolvida por anos: *Foi aprender. Vi, e assim a gente mesmo vê e espera a vontade de Deus. Ia vendo meus tronco véio.*

A família, os centros religiosos, a escola, as festas sagradas, profanas ou híbridas, constituem-se espaços de sociabilidade fundamentais para a atualização e preservação dos saberes ancestrais da coletividade. Há todo um movimento de ensinamentos e aprendizagens narrados por meio dos diálogos cotidianos, dos causos, das músicas, das danças, da espetacularização dos rituais, de forma que é possível visualizar a coexistência de práticas diversas de escrituras/leituras ambientadas na cotidianidade de palavras, ritmos, sons e gestos entrecruzados (MARTINS, 2006). A sociedade grafocêntrica, entretanto, tem desconsiderado a riqueza dos conhecimentos gestados fora de seu horizonte de controle, e segue ditando "verdades" geradoras de preconceito, discriminação e exclusão.

Nessa perspectiva, as narrativas leitoras de Coqueiros ratificam pesquisas largamente realizadas no que tange às denúncias de que a escola é um dos locais onde as relações interraciais são mais conflituosas para as crianças e jovens no Brasil (MUNANGA, 2005; PINTO, 1993; SILVA, 1995). O racismo é apontado, nas itinerâncias escolares dos sujeitos dessa pesquisa, como uma forma de interdição social muito presente no cotidiano escolar, tanto em instituições situadas fora da comunidade, como também nas relações aprendentes travadas nas itinerâncias estudantis dentro do povoado, sendo um dificultador da finalização dos estudos, como nos diz Lucimar: *A maior dificuldade que eu enfrentei era porque às vezes a gente era muito discriminado. Muitas vezes até pelos próprios professores que ficavam chamando de **negro da grotta**, e essas coisas (Grifo meu).* Lucimar

também ressalta a necessidade de se realizar um trabalho mais efetivo acerca do enfrentamento das questões étnico-raciais, a exemplo das situações de autorrejeição vivenciadas por crianças em sala de aula: *Eu acho que é muito importante... porque eu mesmo ainda tenho aluno lá na sala que ainda não gosta... assim... que fale que ele é negro.*

Também a escola de Coqueiros, por meio do currículo, do material didático ou das relações entre alunos, professores e funcionários abriga uma série de contradições e silenciamentos incapazes de problematizar a condição afro-brasileira de seus interlocutores. Nesse sentido, faz-se relevante registrar as muitas referências feitas às políticas educacionais reparadoras nas histórias de leituras protagonizadas e comunicadas durante a pesquisa, inclusive, indicando uma relação de dependência com as mesmas, no decorrer das últimas décadas. Tanto os coqueirenses-estudantes integrados ao TOPA (Todos pela Educação) como as professoras a espera de uma oportunidade para cursar uma faculdade, encontram em tais políticas possibilidade efetiva, para alguns única, de progressão escolar, formação intelectual e ascensão social.

A relevância atribuída à leitura, enquanto bem cultural, e a certeza de sua funcionalidade para a vida prática das pessoas são convicções presentes nos dizeres quilombolas, ratificando a necessidade da apropriação social da leitura/escrita para a comunidade. Apesar das dificuldades, a escolarização é buscada com afinco por muitos, apresentando-se como possibilidade de acesso aos conhecimentos valorizados socialmente, principalmente, no que tange a melhores condições de trabalho. Nesse sentido, o papel da educação torna-se fundamental para fazer dialogar as construções socioculturais e identitárias da comunidade, de forma que as representações construídas em práticas aprendentes cotidianas não se distanciem daquelas pretendidas por instituições educativas. Se aprender a ler e a escrever é essencial em uma sociedade hierarquicamente letrada, fica patente a necessidade de tais aprendizados não anularem os conhecimentos já construídos na cotidianidade das pessoas, devendo ser potencializadores de espaços de pertencimentos e identificações.

Conforme Woodward (2000: 17), "os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar"; assim, quando Dona Francisquinha começa a narrar a sua história de leitura, faz questão de marcar esse lugar discursivo pouco confortável, que ela não escolheu, mas do qual vai se pronunciar: *É, mas história de leitura eu não compreendo.* E continua: *É, história de leitura eu não compreendo, porque, se a gente estuda, a gente sabia alguma coisa. Mas a gente que não estuda.* A voz da moradora de oitenta e um anos não é solitária, o senhor Antônio, a acompanha quando declara ser *quase analfabeto* e quando, com um sorriso meio nervoso, revela: *De leitura? Agora, sou quase analfabeto. Eu não estudei nem um ano.* (riso) Acrescente-se ainda a fala de Dona Elza a ratificar a distância sentida em relação ao mundo da leitura: *Ah, quando chaga na parte de leitura, eu não sei nem explicar, que minha leitura foi muito pouca, nessa parte aí eu não tenho maior entendimento.*

Em Coqueiros, o tempo de ler o escrito, tenha essa leitura caráter pragmático ou lúdico, é preenchido, não raramente, pela lida na roça ou no ambiente doméstico. É por isso mesmo tempo de labutar, de assumir responsabilidades muitas vezes incompatíveis com o que acreditamos ser próprio ao período da infância. Assim, Dona Francisquinha sente-se bem mais à vontade quando fala de trabalho, nesse momento a sua memória discursiva encontra possibilidade de subjetivação a partir dos sentidos ativados por meio das vivências identitárias construídas no trabalho: *Ah!! Trabalhar... eu fui criada foi na enxada. Quando eu dei de base de sete anos,*

*foi enxada. Foi a escola que eles me botaram, foi enxada. Foi roda, casa de farinha, fazia farinha pra comer e era esse fregue, então nós não tivemos leitura.*

As condições sociais da população também determinam, de maneira definitiva, os espaços-tempos que podem ser mobilizados para a leitura do texto escrito, porque impõem condições diferenciadas e diferenciadoras, muitas vezes divergentes e inconciliáveis (ABREU, 2001). Nesse sentido, é exemplar a fala do senhor Francisquinho: *A gente se tivesse que estudar de noite às vezes não tinha energia, de dia tinha que ajudar pai [...]. Os outros já tava estudando, em Mirangaba. Aí acabou dividindo: vai um estudar e outro vai para a roça. E eu fiquei nessa turma que foi pra roça (risos).*

As trilhas leitoras forjadas historicamente, também na constituição das identidades, não limitam-se a decifrações literais impostas pela lógica colonial grafocêntrica, dependentes do poder público, mas encontram potencialidade simbólico-conceitual em leituras esgarçadas pela força do cotidiano, em encruzilhadas discursivas ligadas às condições histórico-sociais e políticas (étnicas, religiosas, de gênero) produtoras da existência em Coqueiros. Assim, os sujeitos leitores e leitoras de Coqueiros realizam um exercício amplo de significar as múltiplas realidades existenciais que enfrentam. Leem as condições de vida nas roças, os êxodos praticados, as longas jornadas trilhadas em busca da escola, as ações políticas lacunadas do poder público, as condições sociais de abandono vivenciadas cotidianamente, mas, também, leem as potencialidades culturais que os fazem mais fortes em suas reivindicações frente à sociedade, histórica e contemporaneamente, ressignificando o ser cidadão negro, negra e quilombola. Nessa perspectiva, faz-se necessário destacar que os coqueirenses têm realizado um movimento complexo de leitura que a escola parece não poder acompanhar.

Mesmo que a leitura do texto escrito faça parte da longa lista de interdições vivenciadas pelos coqueirenses, a leitura forjada nas experiências de vida tem feito dos espaços vigiados cedido à diferença (HALL, 2003) uma oportunidade efetiva para o desenvolvimento da criticidade e da autonomia para a comunidade. O quilombo, como "lugar aprendente", não pode deixar de ser considerado, também, como um "lugar ensinante"[3]. Nessa perspectiva, uma educação voltada para as demandas quilombolas contemporâneas inclui considerar a realidade constitutiva de cada Comunidade, no sentido de gerar um espaço discursivo positivo para a afirmação da identidade étnico-racial afro-brasileira, patrocinando uma formação leitora que se coloque, para além da ação de ensinar o que não é próprio de cada comunidade, em posição de aprender com o quilombo e seus sujeitos, incorporando efetivamente as suas histórias, trajetórias e memórias. (COUTINHO, 2009b)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS: TRANSFERIR O MUNDO

Muitas são as barreiras existentes, na escola e fora dela, para que a efetivação da formação leitora almejada pela sociedade ultrapasse a idealização constante em políticas públicas descontínuas que têm desembocado em programas ineficazes para a maioria das pessoas. Questões referentes à intensidade e qualidade das publicações, à garantia de acesso ao material escrito, ao letramento das(os) professoras(es), incluindo uma metodologia de trabalho adequada à multiplicidade

temática inerente ao cotidiano das salas de aula, entre tantas outras, não são novas no cenário educacional, e, conquanto possamos contabilizar alguns avanços e mudanças positivas, o caminho ainda é longo. Dentre os muitos desafios a serem enfrentados nos próximos anos um mostra-se urgente, a superação da vocação racionalista responsável por ações preconceituosas e cruéis para muitos daqueles a quem a escola "promete" uma possibilidade de desenvolvimento social e econômico.

Nesse sentido "é preciso transver o mundo", como nos ensina Manoel de Barros (2000:75). Ver além das regularidades medíocres que buscam controlar o inevitável dinamismo da vida. E transver o mundo é translê-lo em seus veios caleidoscópicos, suscitando a livre busca da simplicidade complexa do cotidiano. Não é mais possível ao homem agarrar-se unicamente ao horizonte perceptível das realidades concretas creditadas ao olhar, aquele a que denominamos real, paupável, quantificável, inquestionável. É preciso deixar fluir o que nos faz humanos e propiciar o "(re)encantamento do mundo". (MAFESOLI, 2007: 12) A incerteza, a ambiguidade, a imaginação, a invenção também perpassam o olhar de quem vê, ou transvê, as realidades em suas múltiplas facetas, e é essa a lição ressaltada nas histórias leitoras de Coqueiros.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. Diferença e Desigualdade: preconceitos em leitura. In: MARINHO, Marildes (Org.). **Ler e Navegar**: espaços e percursos da leitura. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de leitura do Brasil, 2001.

BARROS, Manoel de. As lições de R.Q. In: **Livro Sobre Nada**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

BAUMAN, Zigmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2007.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade** v. II. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003. (A era da informação: economia, sociedade e cultura) (A era da informação: economia, sociedade e cultura)

CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da leitura**. Tradução Cristiane Nascimento. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

COUTINHO, Ilmara Valois B. F. Ler o quilombo: tradições e deslocamentos de um lugar aprendente. In: Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste, 19, 2009, João Pessoa. **Anais**. João Pessoa: UFPB: 2009a.

COUTINHO, Ilmara Valois B. F. **Histórias de leituras, trajetórias de vida**: um olhar reflexivo sobre memórias leitoras quilombolas. 2009. 225 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009b.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afro-descendente**: identidade em construção. São Paulo: EDUC; Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

GLISSANT, Edouard. Introdução a uma poética da diversidade. Juiz de Fora: EUFJF, 2005.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara, 1977.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 8. ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

\_\_\_\_\_. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Trad. Adelaine La Guardia Resende et. al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. **A Invenção das tradições**. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura do Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Etnopesquisa crítica, etnopesquisa-formação**. Brasília: Líber Livro Editora, 2006.

MAFFESOLI, Michel. **O ritmo da vida**: variações sobre o imaginário pós-moderno. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2007.

MARTINS, Leda Maria. A oralitura da memória. In: FONSECA, Maria Nazereth Soares (Org.). **Brasil afro-brasileiro**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; HOLANDA, Fabíola. História Oral: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Ministério da Educação, Secretaria da Educação, Alfabetização e Diversidade, 2005.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **O sortilégio da cor**: identidade, raça e gênero no Brasil. São Paulo: Sammus, 2003.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 7. ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.

\_\_\_\_\_. **Discurso & leitura**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

PINTO, Regina Pahim. Movimento negro e educação do Negro: ênfase na identidade. **Cadernos de Pesquisa**. n.º 86. São Paulo, p.25-38, ago. 1993.

SILVA, Ana Célia da. **A discriminação do negro no livro didático**. Salvador-Ba: EDUFBA/CEAO, 1995.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca**. 2 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2002.

SOARES, Magda . A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, A. A. M. et al. A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

YUNES, Eliana et. al. (Org.). **A experiência da leitura**. São Paulo: Loyola, 2003.

---

[1] Identidade compreendida, conforme Stuart Hall (2003: 13), como "[...] uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpolados nos sistemas culturais que nos rodeiam".

[2] Informação verbal proveniente da mesa redonda intitulada "Lugares de aprendizagens, memória e formação", ocorrida durante o Simpósio: **Memória, (auto)biografia e formação**, em Salvador, de 22 a 24 de setembro de 2008, na Universidade do Estado da Bahia - UNEB.

[3] Cunho o termo "lugar ensinante" em complementação àquele utilizado por Schaller: "lugar aprendente".